



PRECISAMOS FALAR SOBRE...
Reflexões Necessárias no Cotidiano Escolar:
Por Uma Educação Antirracista

Diversidade e Inclusão

SECRETARIA
DE EDUCAÇÃO
Guarulhos/SP

Departamento de Orientações
Educativas e Pedagógicas - DOEP
Volume 10 de 17 - Fascículo 5



Prefeitura de Guarulhos
Secretaria de Educação

Gustavo Henric Costa
Prefeito de Guarulhos

Alex Viterale
Secretário de Educação

Fábia Aparecida Costa
Subsecretária de Educação

Solange Turgante Adamoli
Diretora do Departamento de Orientações Educacionais e Pedagógicas

FICHA TÉCNICA

Departamento de Orientações Educacionais e Pedagógicas - DOEP

Divisão Técnica de Políticas Para Diversidade e Inclusão Educacional

Seção Técnica de Ações Educativas para Promoção da Igualdade Racial e de Gênero

Elaboração e autoria: Claudia S. Ferreira Lucena, Giselle C. A. Salazar, Lucília Ribeiro de Souza

Divisão Técnica de Publicações Educacionais

Projeto Gráfico: Anna Solano e Eduardo Calabria.

Fotografia: Camila Rhodes e Eduardo Calabria.

Colaboração: Bárbara Braz, Carla Maio, Danielle Chaves, Diego Alves, Maira Kami, Mateus Barboza, Rodolfo Santana e Rodrigo Medrado.

Secretaria de Educação

Rua Claudino Barbosa, 313 - Macedo
Guarulhos/SP - CEP: 07113-040

**Portal da Secretaria Municipal
de Educação de Guarulhos**

<http://portaleducacao.guarulhos.sp.gov.br>



PRECISAMOS FALAR SOBRE...
Reflexões Necessárias no Cotidiano Escolar:
Por Uma Educação Antirracista

Diversidade e Inclusão



Adinkra nkonsonkonson - elo da corrente
símbolo da unidade e das relações humanas

Educadores da Rede Municipal de Guarulhos

A formação permanente, em face das constantes mudanças ocorridas na sociedade contemporânea, sobretudo com o avanço tecnológico que nos impulsiona a uma formação humana alinhada às necessidades do século XXI, notadamente, constitui um dos elementos centrais para o enfrentamento dos desafios que surgem.

Nos últimos tempos, sobretudo ante as problemáticas agravadas e impostas pela pandemia de Covid-19, tem sido inegável a função social da escola pública, não somente em assegurar conhecimentos considerados relevantes para a formação dos educandos, mas como lugar de aprendizagem dos sujeitos em sua integralidade, considerando as diversas dimensões do desenvolvimento humano, por meio de um processo educativo que viabilize o uso de diferentes espaços da escola e do território em que se encontra, e que também valorize as interações sociais estabelecidas, em busca da formação de cidadãos críticos e autônomos, capazes de fazerem uso dos conhecimentos aprendidos para o bem comum e para a construção de uma sociedade mais justa e fraterna.

Isso só é possível quando os profissionais da educação, trabalhando em conjunto, promovem ações que favoreçam o exercício de uma escuta ativa e a abertura de espaços de atuação participativa, que garantam aos educandos “vez e voz”, para que possam assumir seu papel de protagonistas no processo educativo.

As publicações que compõem esta coletânea são o resultado da sistematização da formação permanente realizada pelo Ambiente Virtual de Aprendizagem – AVA Currículo, no ano de 2020, que compôs a jornada de trabalho dos servidores da Educação durante as medidas de combate e prevenção ao SARS-CoV-2, tais como o distanciamento físico das escolas e equipamentos de educação e o isolamento social, a fim de se manter o compromisso com a valorização profissional.

Assim, desejamos que essas publicações sejam parte da história coletiva da Rede Municipal, cujo sucesso se vê, de fato, no chão da escola, objetivo maior do nosso trabalho.

Boa leitura e reflexões!

Alex Viterale

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| 1. Apresentação..... | 7 |
| 2. Relembrando..... | 9 |
| 3. Um breve panorama sobre a constituição do racismo no Brasil..... | 11 |
| 4. O racismo: pelas cenas do cotidiano..... | 15 |
| 5. Políticas Públicas: por uma Educação Antirracista!..... | 19 |
| 6. Um ensaio sobre o racismo e o processo de construção das identidades negras..... | 25 |
| 6.1 Identidades negras pelo olhar da criança..... | 28 |
| 7. Práticas promotoras de igualdade racial: caminhos possíveis na superação do racismo..... | 33 |
| 7.1 E lá na escola....relatos das Professoras da Rede Municipal: Soraia Esteves Cavalcante e Rita de Cássia Neres Andrejauskas..... | 34 |
| 7.2 Com a palavra.... Prof.^a, dr^a Edna Martins/ Unifesp..... | 39 |
| 8. Espaço literatura..... | 43 |
| 8.1 Com a palavra Escritora Kiusam de Oliveira..... | 43 |
| 9. Para sua prática: vale a pena conferir!..... | 51 |
| Referência Bibliográfica..... | 55 |

1. APRESENTAÇÃO

*Temos que falar sobre libertar mentes,
tanto quanto sobre libertar a sociedade*
Ângela Davis

Aos Educadores:

Esta publicação se projeta na direção de uma **educação pela igualdade e equidade racial**.

Um caminho marcado por desafios, avanços e infelizmente alguns recuos, sabemos que é nesse processo que a educação se faz: construindo e desconstruindo concepções de mundo e humanidade, afinal o ato de educar é por si só um ato político, como nos faz refletir o Professor e Mestre Paulo Freire.

Nesta empreitada, temos a convicção de que a educação, como direito fundamental, afeta de forma contundente a vida das pessoas, portanto precisa estar comprometida com princípios éticos, inclusivos e democráticos.

Assim, é essencial compreender como se dão as relações raciais em nossa sociedade e de que forma o racismo se entrelaça na história do Brasil. Estes são pontos de partida essenciais na reparação das distorções e exclusões sócio-históricas, que há séculos orienta e define os caminhos do povo negro.

Outro aspecto importante, diz respeito, a percepção sobre como se manifesta a **ideologia racista** em nosso país, onde a **“cara” do racismo** tem diferentes faces e nuances, algumas veladas, outras explícitas, mas todas com implicações e efeitos nocivos a qualquer sociedade que se pretenda justa e democrática.

Deste modo, é inegável a necessidade de transformação deste cenário, um processo no qual a educação tem um papel fundamental, portanto cabe a afirmação de que as políticas de formação docente precisam criar espaços e maneiras de aproximar educadores e educadoras das discussões e ações por uma **educação antirracista**.

Neste sentido, este Fascículo, vem integrar o conjunto de políticas educacionais para igualdade racial da SME de Guarulhos e pretende sensibilizar os/as educadores/as sobre a importância do seu papel em abordagens pedagógicas que

objetivem a superação de contextos racistas, para tanto, procuraremos contribuir com reflexões sobre o cotidiano escolar e subsídios teórico-metodológicos, que podem ajudar o professor e professora na construção de práticas promotoras de igualdade e equidade racial: ***Passos essenciais na caminhada, por uma educação que garanta a todos/as e a cada um, segundo a sua necessidade, direitos e oportunidades.***

2. RELEMBRANDO...

Ao abordamos o tema das relações étnico-raciais, alguns termos são muito utilizados, mas apesar desta frequência, pode ainda haver certa confusão quanto à conceituação. Desta forma apresentaremos abaixo alguns desses conceitos.

RELEMBRANDO



PRECONCEITO

Ideia irrefletida que não tem fundamento; é uma forma de pensar previamente sobre algo ou alguém sem conhecê-lo(a), é a rotulação que se faz a alguém ou a um grupo de pessoas, direcionando -o (a) no sentido a **discriminar toda uma coletividade.**

DISCRIMINAÇÃO:

Qualquer ação individual e/ou institucional que leve a distinção, exclusão, restrição ou preferência fundadas na raça, cor, etnia, definição religiosa, descendência ou origem nacional, comprometendo o reconhecimento e o **exercício dos direitos humanos e das liberdades fundamentais**





RACISMO

Fenômeno histórico-social que se fundamenta em uma ideologia caracterizada pela supremacia de determinados grupos e na subalternização de outros. Embora, a ideia de raça tenha sido encarada como um conceito biológico, em dias atuais, a raça é assumida por movimentos negros e outros movimentos sociais e por pesquisadores como um conceito político que nos permite compreender determinadas desigualdades sociais, econômicas, culturais e políticas – construídas e vivenciadas historicamente em função de

características físicas ou de origem regional ou cultural.

RACISMO INSTITUCIONAL

Práticas discriminatórias alicerçadas no racismo, que podem estar presentes, tanto no âmbito do poder público, como privado, independentemente dos indivíduos destas instituições terem ou não consciência sobre suas atitudes racistas.



EUROCENTRISMO

Representa a visão de uma única história que aprendemos na escola e meios de comunicação reduzindo o desenvolvimento histórico-cultural a apenas uma perspectiva onde a Europa é vista como ponto de partida direcionando a nossa compreensão de mundo.

3. UM BREVE PANORAMA SOBRE A CONSTITUIÇÃO DO RACISMO NO BRASIL

A escola como espaço legítimo de desenvolvimento humano, muito mais que considerar a diversidade que nos constitui, precisa compreendê-la com base nos processos histórico-sociais, portanto, a primeira questão que se coloca, tem a ver com o fato de o Brasil ser um país que se define por diferentes raças e etnias, pela diversidade e multiplicidade cultural, mas também por uma desigualdade histórica, econômica e social, traduzida por um cenário de preconceito e discriminação às mulheres, negros, indígenas, pessoas com deficiência, homossexuais e migrantes.

No que diz respeito ao preconceito e a discriminação racial, é importante ressaltar que embora a população negra seja maioria em nosso país, esta se encontra à margem na nossa sociedade, como evidenciam índices de desigualdade no campo educacional, quanto ao nível de renda, condições de saúde, habitação, entre outros (PNAD, 2019).

Historicamente este processo de exclusão foi legitimado por ações ou omissões do Estado, e, muito embora, não seja nosso objetivo aprofundá-los neste Fascículo, é importante destacar alguns aspectos que delinearão e definirão o que conhecemos hoje por **racismo institucional**.

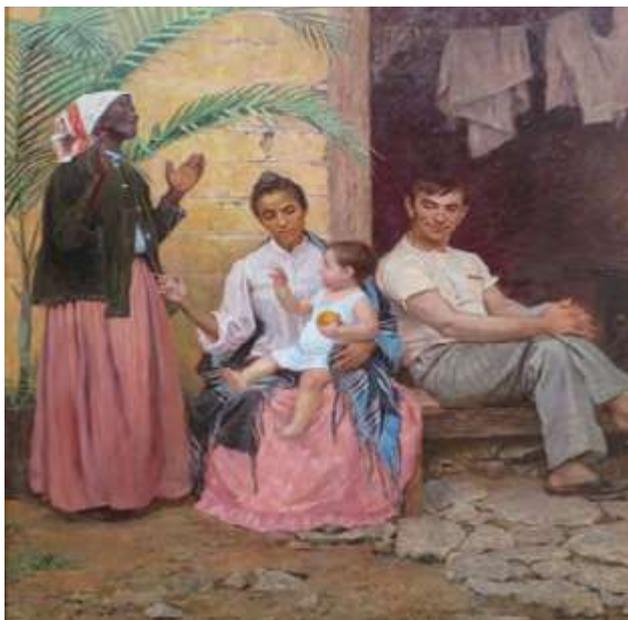
Iniciamos pela escravização dos/a povo africano, que teve o Brasil como seu maior representante, seja pelo grande número de africanos e africanas trazidos(as) a força para as terras brasileiras, como também, pelo longo período em que ocorreu, foram mais de trezentos anos em que sucedeu uma das cenas mais trágicas da história da humanidade, que não pode ter seus efeitos subestimados.

Os problemas trazidos pelo período de escravização não terminam com a abolição, uma vez que o Estado não criou nenhuma política para transpor os/as escravos/as para condição de cidadãos/ãs, assim, foram abandonados/as a própria sorte. Se por um lado houve a omissão do poder público quanto às medidas compensatórias por vidas inteiras de trabalho, de outro, a adoção da Política de Branqueamento pelo governo brasileiro se mostrou como uma ação discriminatória muito eficiente para o processo de **segregação** da população negra.

Por dentro do assunto...

Política ou Ideologia de Branqueamento

Entre a segunda metade do século XIX e a primeira metade do século XX, alguns intelectuais do Brasil, com base em pressupostos eugenistas (preconizavam a existência de um padrão genético superior na “raça” humana), defendiam a ideia de que a raça negra podia avançar com a miscigenação, uma vez que, se acreditava na supremacia do branco sobre o negro, assim, foram implementadas ações do estado para buscar o branqueamento da sociedade brasileira, a principal delas foi o incentivo a vinda dos europeus (imigração).



A obra de Modesto Brocos, de 1895, aborda o fenômeno da busca pelo “embranquecimento” gradual das gerações de uma mesma família, por meio da miscigenação.

Ao falarmos da construção do racismo no Brasil, não podemos deixar de trazer o mito da Democracia Racial, defendido por Gilberto Freyre na obra *Casa Grande & Senzala* - 1933, na qual se preconizava que devido à mistura de raças originou-se um “povo novo” livre de qualquer preconceito, diferença e desigualdade. Uma ideologia que se mantém contemporaneamente e mascara uma realidade de preconceito e discriminação racial presente em nossos cotidianos.

Olhar para os fatos do passado nos possibilita compreender as bases que alicerçam o racismo no Brasil reafirmando que é fundamental **desnaturalizar** os contextos racistas, de diversas ordens e complexidades que ocorrem em nosso país.

Diante deste cenário, não podemos perder de vista o papel social da escola, que dentre outros é o de possibilitar uma formação crítica ao/a educando/a, no qual o **Currículo Escolar** tem um caráter central, uma vez que, a escolha do que ensinar revela intencionalidade quanto à sociedade que almejamos. Deste modo, se buscamos uma educação democrática e transformadora, o currículo precisa estar alinhado a princípios de **promoção de igualdade e equidade racial**.

Nesta perspectiva, como contraponto a um currículo **eurocêntrico**, a *Lei 10.639/03*, que trata da *obrigatoriedade do ensino da história e cultura africana e afro-brasileira*, vem para assegurar que a cultura africana seja efetivamente trabalhada

em nossas escolas, uma vez que, chama a atenção para a relevância quanto à contribuição dos negros na construção social, cultural e econômica do país.

Como ponto de partida para uma **educação afirmativa**, é fundamental a compreensão quanto à importância da valorização do patrimônio histórico-cultural afro-brasileiro e conseqüentemente das múltiplas identidades culturais que nos compõem, como afirma o Professor Kabengele Munanga,

O resgate da memória coletiva e da história da comunidade negra não interessa apenas aos alunos de ascendência negra. Interessa também aos alunos de outras ascendências étnicas, principalmente branca, pois ao receber uma educação envenenada pelos preconceitos, eles também tiveram suas estruturas psíquicas afetadas. Além disso, essa memória não pertence somente aos negros. Ela pertence a todos, tendo em vista que a cultura da qual nos alimentamos cotidianamente é fruto de todos os segmentos étnicos que, apesar das condições desiguais nas quais se desenvolvem, contribuíram cada um de seu modo na formação da riqueza econômica e social e da identidade nacional. (Munanga, K. - Superação do Racismo na Escola, pág.16, 2005)

De maneira geral, procuramos abordar aspectos mais centrais em relação ao processo de constituição do racismo no Brasil e o papel da escola para sua superação. Diante deste cenário desafiador, é importante refletir que a busca por uma **sociedade inclusiva** requer de todos/as e de cada um/a, para além do **desejo de mudança**, é essencial também que haja **comprometimento, persistência e atitude!**

4. O RACISMO: PELAS CENAS DO COTIDIANO

Dentre os desafios que envolvem o racismo, um dos principais, tem a ver com a necessidade de compreender a dinâmica que este fenômeno assume no nosso cotidiano. Pois, como traz Otto Lara Rezende em uma de suas crônicas¹: *de tanto ver, a gente banaliza o olhar.*

Enquanto sociedade e, principalmente, como educadores e educadoras é importante apurar o olhar, a fim de perceber que manifestações racistas estão mais próximas do que imaginamos, sejam em atitudes, palavras, omissões, negações, enfim...

Em um artigo feito por Tania Maria Cruz em 2013 a autora apresenta como as crianças negras estão sujeitas a uma disputa de espaço (espaços estes já conquistados por crianças brancas). Neste processo, mostram-se mais fragilizadas as crianças negras do sexo feminino, pois além do peso da discriminação racial soma-se a violência sobre o gênero.

Mudar de postura, deixar de usar determinadas expressões de cunho preconceituoso, entre outros aspectos presentes e naturalizados entre nós, não caracteriza o “politicamente correto”, é muito mais do que isso, relaciona-se a necessidade de avançarmos em nossa humanidade, onde **o respeito ao próximo, a ética e o sentimento de empatia** são fundamentais.

Nesta direção é essencial compreender que alguns cenários marcados pelo racismo, estão representados tanto por micro cenas, como também por outras de maior amplitude.

Algumas crianças chegavam chorando e não ganhavam colo, no entanto, com determinadas crianças era diferente: M. (loura, 2 anos) chegou chorando, então Nice (professora branca) a pegou no colo até que ela parasse de chorar. Depois pegou P. (negro, 2 anos) também chorando, mas Nice sentou-se em uma cadeira e o colocou entre a sua perna e disse para ele não chorar. Depois chegou L. (loura) também chorando, mas o procedimento foi outro: a professora a pegou no colo até que parasse de chorar (OLIVEIRA; ABRAMOWICZ, 2010, p. 218)

Confira agora alguns dos aspectos mais prementes, que por vezes estão próximos, mas nem sempre percebemos ou conseguimos identificar:

RACISMO INSTITUCIONAL

FALTA DE REPRESENTATIVIDADE

A FALTA DE REPRESENTATIVIDADE DA POPULAÇÃO NEGRA EM DIVERSOS ESPAÇOS SOCIAIS COMO FACULDADES, CENÁRIO POLÍTICO ENTRE OUTROS, REVEIAM A DESIGUALDADE DE OPORTUNIDADES.



DISCRIMINAÇÃO EM COMÉRCIOS

AS SITUAÇÕES DE PRECONCEITO E DISCRIMINAÇÃO VIVENCIADAS POR CRIANÇAS, JOVENS E ADULTOS NEGROS/AS EM SHOPPINGS, RESTAURANTES, ELEVADOR SOCIAL, ENTRE OUTROS TAMBÉM É UMA FORMA DE PRIVILEGIAR UM GRUPO EM DETRIMENTO DE OUTRO. EX: NUM COMÉRCIO QUANDO UMA PESSOA NEGRA É VISTA COMO FUNCIONÁRIO E NÃO UM CONSUMIDOR.



NAS MÍDIAS SOCIAIS

QUANDO AS PESSOAS NEGRAS SÃO MUITAS VEZES ASSOCIADAS A IMAGENS ASSISTENCIALISTAS E NÃO EM ALGUMA POSIÇÃO DE PROPAGANDA OU MARKETING DE PRESTÍGIO.

Vocês já pararam para refletir sobre algumas expressões do dia a dia e como estas têm sentidos perversos relacionados ao período da escravização e ainda hoje são utilizadas de forma natural, desconsiderando o teor de desumanização subjacente.

ALGUMAS EXPRESSÕES RACISTAS

COR DE PELE

Aprende-se desde criança que "cor de pele" é aquela lípia meio rosado. Mas é evidente que o tom não representa todos os tons de peles principalmente no Brasil, onde mais da metade população é negra.

DOMÉSTICA

Negros eram tratados como animais rebeldes e que precisavam de corretivos, para serem "domesticados".

MEIA TIGELA

Os negros que trabalhavam à força nas minas de ouro nem sempre conseguiam alcançar suas "metas". Quando isso acontecia, recebiam como punição apenas metade da tigela de comida e ganhavam o apelido de "meia tigela", que hoje significa algo sem valor e mediocre.

COR DO PECADO

Utilizada como elogio, se associa ao imaginário da mulher negra sensualizada. A ideia de pecado também é ainda mais negativa em uma sociedade pautada na religião, como a brasileira.

CABELO RUIM

Fus "rebeldes", "cabelo duro", "carapinha", "malão", "piçocão" e outros tantos elevados depreciam o cabelo afro. Por vários séculos, construíram a negação do próprio corpo e o baixa autoestima entre as mulheres negras sem o "desejado" cabelo liso. Nem é preciso dizer o quanto as indústrias de cosméticos, muitas originárias de países europeus, se beneficiaram do padrão de beleza que excluiu os negros.

"NUMA SOCIEDADE RACISTA NÃO BASTA NÃO SER RACISTA. É NECESSÁRIO SER ANTIRRACISTA."

PARA REFLETIR...

Os jovens negros representaram 55,6% dos homicídios de jovens entre 15 e 19 anos e 52,3% daqueles entre 20 e 24 anos. Para cada indivíduo não negro morto em 2018, 2,7 negros foram mortos.

Atlas da Violência de 2020, que tem como base os dados de 2018.
<https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/24/atlas-da-violencia-2020>

É possível explicar este fenômeno sem reconhecer o racismo estrutural no Brasil?

Alterar a lógica de como se dão as relações e estruturas sociais pode parecer algo inalcançável, entretanto precisamos começar a ver o que não vemos e ouvir o que não gostaríamos, buscando romper paradigmas tão arraigados em nossa sociedade a fim de nos desvestirmos do racismo estrutural que ainda nos constitui.

5. POLÍTICAS PÚBLICAS: POR UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA!

*Elisa Pereira Castro, Greice Cristina de Oliveira
Silvana José Benevenuto
Suely Akemi Fugiwara Siro, Vera Lucia Oliveira Silva¹*

*“A invisibilidade é a morte em vida”
Azoilda Loretto da Trindade*

O objetivo deste artigo é contribuir para a reflexão sobre uma prática educacional antirracista. Para tanto, antes de tudo, é fundamental que reconheçamos que vivemos em uma sociedade estruturalmente racista e que a escola, sendo parte dela, é também um lugar que reproduz e perpetua o racismo estrutural². Pierre Bourdieu, sociólogo francês da segunda metade do século XX, mostra como a escola é uma instituição que tem um caráter de produção e reprodução das desigualdades sociais e culturais, exercendo um papel importante na manutenção do status quo.

Neste sentido, bell hooks³, teórica e ativista antirracista estadunidense, em “Ensinando a transgredir” (2017), oferece elementos para que pensemos na diferença entre a educação como prática da liberdade e a educação que só trabalha para reforçar a dominação (hooks, 2017, p. 12). Tendo a pedagogia de Paulo Freire como inspiração, hooks coloca que, se a escola não for libertadora, ela torna-se “uma prisão, um lugar de castigo e reclusão e não de promessa e possibilidade” (hooks, 2017, p. 13). hooks denuncia como a escola, um espaço de reprodução dos valores da cultura branca europeia, é uma instituição que ensina a obediência, sendo o aprendizado da pessoa negra entendido como uma ameaça à autoridade branca.

De acordo com Djamila Ribeiro (2019), a escola, para a maioria das crianças, é o primeiro espaço de socialização fora do convívio familiar, e, para as crianças negras,

¹Equipe da Subsecretaria da Igualdade Racial, da Secretaria de Direitos Humanos, da Prefeitura de Guarulhos.

² Para entender o conceito de racismo estrutural, sugerimos o livro “Racismo Estrutural” de Silvio de Almeida.

³A autora adotou o pseudônimo bell hooks em homenagem à avó e usa a letra minúscula como indicativo de que o mais importante é o conteúdo da obra e não sua autoria, além de chamar a atenção para as identidades sempre cambiantes.

pode se transformar no primeiro contato com a realidade racista. A criança negra se defronta com a racialização, que se expressa, muitas vezes, no tratamento diferenciado por parte dos colegas e funcionários da escola, o que implica na inferiorização e desumanização de seu corpo. Diante disso, a escola enquanto espaço de transformação e de movimento contra hegemônico requer a inserção do ideal de equidade racial em seu Projeto Político Pedagógico, garantindo que a questão racial seja trabalhada de forma transversal, assim como a representatividade e a proporcionalidade de pessoas negras nos diferentes cargos de atuação, em especial na docência e nos espaços de decisão.

O racismo é um sistema de dominação social que tem o objetivo de garantir a hegemonia do grupo dominante. Embora biologicamente a categoria raça não exista, há uma construção sócio-histórica que classifica e hierarquiza os sujeitos em relação a um padrão branco e eurocêntrico. Entretanto, os sujeitos brancos não se vêem como racializados e não reconhecem seu lugar de privilégio garantido exatamente pela subalternização e exclusão da população negra. A partir destas relações raciais estabelecidas, é importante refletir e agir nos espaços escolares de forma a compreender como a escola está produzindo e reforçando as mesmas. Entender o antirracismo como tarefa de brancos e não-brancos é essencial para a transformação social⁴.

A seguir, apresentamos algumas sugestões e propostas para uma prática educacional que contemple um olhar e um posicionamento verdadeiramente antirracista, buscando descolonizar a visão da história única e eurocêntrica de mundo. Respeitando a realidade e diversidade dos alunos inseridos, muitas vezes, num seio social complexo e variado, no qual ele também possa se ver parte da realidade social não como objeto, mas sujeito pensante e atuante do fazer histórico.

Boas práticas para promoção de uma Educação Antirracista

- Reconhecer que o racismo estrutura as nossas relações sociais e que, portanto, todos o reproduzimos e devemos agir para desconstruí-lo;
- O enfrentamento ao racismo não cabe apenas às pessoas negras. O racismo é um produto da branquitude que estabeleceu, através de estigmas e da violência,

⁴ Para entender mais sobre a branquitude, ver a tese de doutorado de Maria Aparecida Bento "Pactos narcísicos no racismo: branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público" disponível na Biblioteca Virtual da USP em <<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-18062019-181514/pt-br.php>> e o livro de Lia Vainer Schucman "Entre o Encarado, o Branco e o Branquíssimo; Branquitude, Hierarquia e Poder na Cidade de São Paulo".

sua superioridade. Como ideologia, o racismo é assimilado por toda a sociedade, desconstruí-lo também será um esforço de todos.

- Acolher alunas e alunos vítimas de discriminação e racismo e tratar das violências que vierem a ocorrer de forma a envolver toda comunidade escolar. A escola tem um papel político diante de situações de discriminação racial e de outras violações dos direitos humanos.
- Contribuir com a valorização da identidade negra e indígena através do resgate de brincadeiras tradicionais, desenhos, livros de autoria negra e indígena que possam contribuir para desmistificar estereótipos negativos e mostrar o modo de vida desses grupos étnicos por eles próprios como sujeitos e não como objetos;
- Utilizar diferentes linguagens como músicas, poesias, literatura periférica, negra e indígena. Escritores como Lima Barreto, Carolina Maria de Jesus, Allan da Rosa, Sérgio Vaz, Ferréz, Conceição Evaristo, Cidinha da Silva, Elizandra Souza, Daniel Munduruku, Olívio Jekupe, dentre tantos outros, devem ser incentivados para romper estigmas sociais e apresentar aos alunos a diversidade social;
- Realizar a análise crítica do Currículo Escolar. Ser capaz de promover uma mudança de narrativa: isto é, desconstruir a visão predominante eurocêntrica que fala em termos como “Descobrimto do Brasil”, ignorando a existência dos povos originários, desmistificar a farsa do 13 de maio, como se a Abolição da Escravatura se tratasse de uma benevolência da Princesa Isabel, promover a importância da valorização da data comemorativa do dia 20 de novembro - Dia Nacional de Zumbi de Palmares e da Consciência Negra -, instituído oficialmente pela Lei nº 12.519, de 10 de novembro de 2011, assim como privilegiar, em respeito aos indígenas, a data comemorativa de 9 de agosto - Dia Internacional dos Povos Indígenas -, com abordagens que respeitem a diversidade étnica dos povos originários, em oposição à forma estereotipada das abordagens feitas no chamado “Dia do Índio” em 19 de Abril.
- Incentivar a permanência estudantil dos alunos negros;
- Garantir, nas políticas de formação para os docentes, os conteúdos sobre o continente africano, a diversidade dos povos indígenas e as relações raciais e preocupação com o tema na formação continuada.
- Garantir a representatividade e proporcionalidade nos diversos cargos escolares.

Como nos ensina Angela Davis, não basta não ser racista, precisamos ser antirracistas.

Referências Bibliográficas

hooks, bell. Ensinando a transgredir - a educação como prática da liberdade. São Paulo: Editora WMF Martins fontes, 2017.

NOGUEIRA, Maria Alice Nogueira; Catani, Afrânio (orgs.). Pierre Bourdieu - Escritos em Educação. Petrópolis: Vozes, 1998.

RIBEIRO, Djamila. Pequeno manual antirracista. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

Políticas Públicas de Promoção da Igualdade Racial Subsecretaria de Igualdade Racial

A Subsecretaria da Igualdade Racial - SIR atualmente integra a Secretaria de Direitos Humanos, juntamente com as Subsecretarias da Acessibilidade, Diversidade, Juventude, Políticas para Mulheres e Políticas para o Idoso. Inicialmente foi criada em 2006 como Coordenadoria da Mulher e Igualdade Racial - CMIR, sendo desmembrada em Coordenadoria da Igualdade Racial em 2009. A partir da Lei Municipal 7.550/2017 recebeu a atual denominação com as seguintes atribuições:

I - Propor em âmbito municipal, políticas de promoção da igualdade racial com ênfase na população negra, outros segmentos raciais e étnicos;

II - Orientar, apoiar e acompanhar atividades voltadas à implementação de políticas e diretrizes para a promoção da igualdade e proteção dos direitos de indivíduos e grupos raciais e étnicos, afetados por discriminação racial e demais formas de intolerância;

III - acompanhar e avaliar o impacto das políticas e programas desenvolvidos no município sobre a igualdade racial;

IV - Elaborar e contribuir para o desenvolvimento de programas de ações afirmativas ou medidas especiais visando o cumprimento de acordos, convenções, declarações e planos de ação internacionais firmados pelo Brasil, que digam respeito à promoção da igualdade racial;

V - Articular a participação da cidade de Guarulhos nos fóruns de governo e da sociedade civil organizada, de âmbito regional, estadual, nacional e internacional de cidades pela promoção da igualdade racial.

Importante destacar que a cidade de Guarulhos apresenta gestão plena na política pública da Igualdade Racial com órgão municipal responsável, conselho municipal vinculado e plano municipal elaborado.

SOS Racismo - Serviço disponibilizado para os casos de denúncia de racismo

Instituído pela Lei Municipal 7.309/14, de autoria do Legislativo, o Serviço SOS Racismo, baseado no Estatuto da Igualdade Racial (Lei Federal nº 12.288/2010), na Lei Estadual nº 14.187/2010 e na Lei Federal 7.716/1989, atenderá as vítimas de discriminação étnico-racial, religiosa ou intolerância correlata.

Público-alvo

Pessoas vítimas de racismo, discriminação racial, discriminação religiosa e intolerância correlata.

Como acessar o SOS Racismo

Telefone: (11) 2402-1000

Email: sosracismo@guarulhos.sp.gov.br

6. UM ENSAIO SOBRE O RACISMO E O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES NEGRAS

Neste capítulo abordaremos a temática racial, com enfoque no impacto do racismo na constituição das identidades do povo negro, prioritariamente sobre a autoestima e o processo de construção da identidade da criança negra.

Consideramos que é fundamental ao/a educador/a conhecer e compreender a dimensão dos danos que o racismo pode causar, principalmente à uma criança, a qual em seu processo de desenvolvimento se vê a partir dos olhos daqueles que estão em seu entorno: família, professores/as, amigos/as e sociedade como um todo.

Sabemos o quanto pode ser doloroso sentir-se como uma pessoa de menor valor, não se ver e reconhecer-se como pertencente a um lugar ou a um grupo. Estes são sentimentos presentes na vida de uma criança, adolescente, jovem e adulto negro/a, que tenha vivenciado ou vivencie situações de racismo, estas podem deixar marcas difíceis a serem superadas, uma vez que, caracteriza-se como uma das piores formas de agressão à dignidade humana, e como tal, não deve ser minimizada ou relativizada.

Pesquisas mostram que na maioria das vezes será na escola onde a criança negra passará por mais experiências de racismo, seja por atitudes hostis de colegas ou por outras pouco perceptíveis, mas não menos importantes, como em uma situação corriqueira onde a professora penteia os cabelos das alunas brancas, enquanto uma aluna negra apenas observa. Esta cena aparentemente tranquila pode revelar um conteúdo de racismo velado e naturalizado, pois muito embora não haja intenção por parte da professora, ela transmitiu à criança negra e aos/as demais alunos/as mensagens que reproduzem *estereótipos e preconceitos sobre o cabelo crespo*, dentre muitos, o mito de ser um cabelo mais difícil de pentear.

Precisamos considerar ainda que, para além do ato de pentear está sua *representatividade afetiva* na vida desta criança. Deste modo, é importante refletir sobre os sentimentos de não pertencimento e exclusão que podem ser desencadeados, reconhecendo que é imprescindível atuar na perspectiva da promoção da igualdade racial para que estas situações do cotidiano escolar deixem de influenciar negativamente na autoestima da criança negra.

Neste capítulo abordaremos a temática racial, com enfoque no impacto do racismo na constituição das identidades do povo negro, prioritariamente sobre a autoestima e o processo de construção da identidade da criança negra.

Consideramos que é fundamental ao/a educador/a conhecer e compreender a dimensão dos danos que o racismo pode causar, principalmente à uma criança, a qual em seu processo de desenvolvimento se vê a partir dos olhos daqueles que estão em seu entorno: família, professores/as, amigos/as e sociedade como um todo.

Sabemos o quanto pode ser doloroso sentir-se como uma pessoa de menor valor, não se ver e reconhecer-se como pertencente a um lugar ou a um grupo. Estes são sentimentos presentes na vida de uma criança, adolescente, jovem e adulto negro/a, que tenha vivenciado ou vivencie situações de racismo, estas podem deixar marcas difíceis a serem superadas, uma vez que, caracteriza-se como uma das piores formas de agressão à dignidade humana, e como tal, não deve ser minimizada ou relativizada.

Pesquisas mostram que na maioria das vezes será na escola onde a criança negra passará por mais experiências de racismo, seja por atitudes hostis de colegas ou por outras pouco perceptíveis, mas não menos importantes, como em uma situação corriqueira onde a professora penteia os cabelos das alunas brancas, enquanto uma aluna negra apenas observa. Esta cena aparentemente tranquila pode revelar um conteúdo de racismo velado e naturalizado, pois muito embora não haja intenção por parte da professora, ela transmitiu à criança negra e aos/as demais alunos/as mensagens que reproduzem *estereótipos e preconceitos sobre o cabelo crespo*, dentre muitos, o mito de ser um cabelo mais difícil de pentear.

Precisamos considerar ainda que, para além do ato de pentear está sua *representatividade afetiva* na vida desta criança. Deste modo, é importante refletir sobre os sentimentos de não pertencimento e exclusão que podem ser desencadeados, reconhecendo que é imprescindível atuar na perspectiva da promoção da igualdade racial para que estas situações do cotidiano escolar deixem de influenciar negativamente na autoestima da criança negra.

Normalmente vemos o racismo como algo distante, pois dificilmente queremos nos reconhecer como alguém com ideias ou atitudes racistas, ou ainda, temos dificuldade em percebê-lo a nossa volta, assim se *desejamos combater o racismo* é necessária à compreensão de que não se trata de um processo puramente individual, *mas sim, um elemento estruturante da nossa sociedade*, uma herança de mais de trezentos anos de escravização do povo negro.

Além disso, é importante a consciência sobre as diferentes manifestações do racismo, que vão desde atitudes mais evidentes, até as subliminares. É essencial ampliar debates sobre o tema em todos os níveis da sociedade, principalmente no âmbito da educação, que diante do seu potencial de transformação tem um papel imprescindível na superação do racismo, como afirma o Prof. Kabengele Munanga:

As chances de a escola ser um núcleo de resistência e de abrigo contra violência racial dependem de uma completa virada de jogo (...). Na verdade, uma obra sobre a superação do racismo na escola será sempre um libelo contra uma das mais perversas formas de violência perpetradas cotidianamente na sociedade brasileira. A violência racial escolar atenta contra o presente, deforma o passado e corrói o futuro. (MUNANGA, 2005, p.204).

Assim, se buscamos uma sociedade pautada em princípios democráticos, enquanto cidadão e cidadã, e principalmente como educador e educadora, é inegável, que precisamos **olhar de frente para o racismo e agir sobre ele**, considerando que a construção de uma cultura de igualdade racial, não depende somente das políticas públicas macros, mas também do nosso comprometimento ético que se manifesta em nossas ações cotidianas.

DANDO UM TOQUE...

Para ampliar as reflexões sobre a relação entre o racismo e a construção da identidade das crianças negras, indicamos a leitura de dois artigos que compõem a Revista ASHANTI, uma publicação da Secretaria de Educação/DOEP, com enfoque na Educação para as Relações Étnico-raciais.

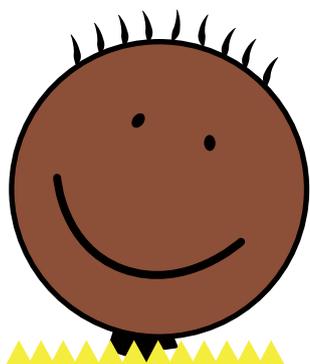
- AUTOESTIMA: O QUE É E COMO É FORMADA? - Maria Lúcia da Silva;
- A IDENTIDADE DA CRIANÇA NEGRA NO ESPAÇO DA ESCOLA - Alessandra A. de Sousa, Claudia S. F. Lucena, Lucília R. de Souza, e Raquel de S. Basto.



6.1 Identidades Negras Pelo Olhar da criança!

As crianças brancas e negras nos mostram pelas diferentes formas de expressão como percebem a diversidade que nos constitui e também o racismo a sua volta, o que pode ser visto a partir das produções das crianças no **Prêmio AKONI de Promoção da Igualdade Racial**, uma das ações afirmativas da SME, voltado aos/as educandos/as da Educação Básica de todos os níveis e modalidades de ensino da Rede Municipal (Educação Infantil, Ensino Fundamental e Educação de Jovens e Adultos), que têm como principais objetivos identificar, valorizar e divulgar as práticas pedagógicas de promoção da igualdade racial desenvolvidas pela Rede.

Em suas quatro edições reuniu uma diversidade de produções nas categorias: Slogan, Desenho, História em Quadrinho e Vídeo, escolhemos algumas destas que retratam prioritariamente aspectos sobre as identidades negras.



**Prêmio Akoni de Promoção
da Igualdade Racial**

**Apresenta...
Identidades Negras pelo
olhar das Crianças**

Pela representação da nossa composição multiétnica



*"Cada um tem um pedaço...
pensei no índio, no negro, em nós"*
Kettelyn

Akoni, 2011 - Desenho

Kettelyn Oliveira da Silva, 7 anos

Educadora: Ana Paula Araujo Oliveira da Silva

EPG Inêz Rizzatto Rodrigues

Pelo Black Power que simboliza resistência



Akoni, 2016 - Desenho

Bryan Henrique Miranda dos Santos - 7 anos
Educatora: Cristina Vanusa de Lima dos Santos
EPG Celso Furtado

Pela resistência à falta de representatividade na TV

A influência da TV

Olá vamos brincar?
Vamos de que?
De casinha!

Legal! Eu sou a mamãe
Ah! Eu sou a Filhinha!
E eu vou ser o que?

Você vai ser a empregada?
É mesmo, na TV todas empregadas são
negras igual a você.

Ah! Eu não quero ser a empregada!

Então, o que você quer ser?
Eu quero ser uma doutora!
Rá, rá, rá, nunca vi uma médica negra!

Mas eu posso ser a primeira.
Tá então vamos brincar!
Obá!
Fim



Akoni, 2016 - HQ

Larissa Quirino da Silva, 9 anos
Educatora: Alecsandra B. de Almeida
EPG Amélia Duarte da Silva

Pela busca de afirmação da identidade racial

Na escola:

Oi, cabelo de bombri há há!

Não me importo com o que você diz - eu tenho muito orgulho do meu cabelo.

Desculpa, não brinco mais assim!

Em casa:

Mãe hoje o menino me chamou de cabelo de bombri...

Tenho muita vergonha do meu cabelo ser duro. Apesar de ter falado pro menino que eu tenho orgulho.

Filha seu cabelo não é duro, é crespo e você deve ter orgulho da sua raça.

Vamos na Feira Preta?

Na Feira Preta

Nossa mãe quantas pessoas negras e orgulhosas de sua raça.

Por isso que eu quis te trazer. Seja feliz sendo negra.

Fim

Diga não à qualquer tipo de preconceito.

Biografia: história verdadeira aconteceu comigo.



DIGA NÃO A QUALQUER TIPO DE PRECONCEITO.

Akoni, 2016 - HQ

Letícia Florindo de Freitas - 10 anos

Educadora: Cristiane Aparecida C. Moratorio

EPG Heraldo Evans

Pela falta de representação nos brinquedos

A loja racista

Procura! Procura! Procura!

- Posso ajudar?

- Eu quero uma boneca mais linda do que eu, negra, cabelo igual ao meu, com blusa, saia..., sabe?

Hein

- Mas essa aqui é muito linda.

Além do que nós não vendemos



bonecas na cor e no modelo que você quer.

- Será que não tem nenhuma boneca linda e negra nessa loja?
- Filha o que é isso, por que está gritando?
- Por que não tem uma boneca negra aqui?
- É filha a discriminação por cor está atingindo até os brinquedos. Nós podemos achar em outra loja meu amor!
- Eu vou pegar essa mesmo.

Mas em seu pensamento: *pinta a boneca.*



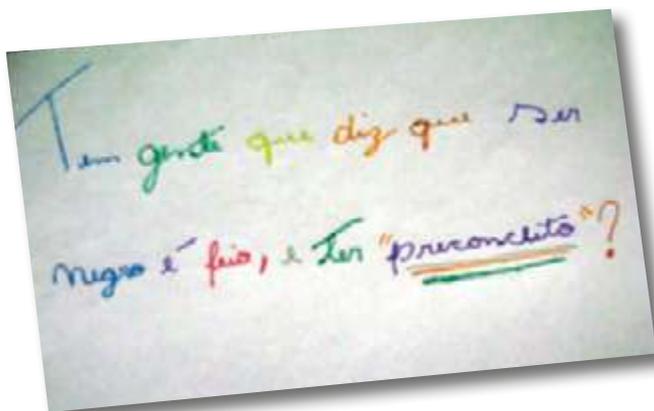
Akoni, 2013 - HQ

Samara Epifanio de Almeida - 11 anos

Educadora: Angela Aparecida Santos de Souza Brusafarro

EPG Pastor Sebastião Luiz da Fonseca

Pelo questionamento de padrões estéticos



Akoni, 2008 - Slogan

Victor Prado da Cruz

Educadora: Fernanda Aparecida Nogueira

EPG Crispiniano Soares

Ou simplesmente... Por um apelo!



Akoni, 2008 - Slogan

Letícia Vieira de Melo - 6 anos

Educadora: Maria Laura Domingues

Julião dos Santos

EPG Bárbara Andrade Tenório de Lima

7. PRÁTICAS PROMOTORAS DE IGUALDADE RACIAL: CAMINHOS POSSÍVEIS NA SUPERACÃO DO RACISMO

No capítulo anterior vocês puderam refletir sobre o processo de autoestima na construção de identidade, particularmente das crianças negras, assim como, os danos causados pelo racismo.

Diante deste cenário, reafirma-se a importância do papel da educação no enfrentamento ao racismo, é preciso fazer o contraponto adotando políticas educacionais que tenham como perspectiva o desenvolvimento de ações afirmativas, como a reparação de uma história marcada pela desvalorização e invisibilidade do povo negro, como nos aponta a Lei 10639/03, sobre a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Africana e Afro-brasileira.

Para a construção de uma Escola Promotora de Igualdade Racial é fundamental que a cultura escolar, a qual se define pelas relações estabelecidas no espaço da escola, pelo currículo e as práticas pedagógicas desenvolvidas, possa ser reformulada.

Neste sentido, sintetizamos abaixo alguns aspectos que podem servir como ponto de partida na construção de uma prática pedagógica promotora de igualdade racial.

INDICATIVOS PARA PRÁTICAS PROMOTORAS DE IGUALDADE RACIAL:

- Sair da omissão, da negligência - romper o silêncio diante das discriminações e desigualdades raciais;
- É fundamental a mudança da postura diante das desigualdades;
- Construir percursos pedagógicos de enfrentamento ao racismo e promoção da igualdade racial;
- Desconstruir o imaginário reducionista do continente africano;
- Romper com a visão eurocêntrica do currículo;
- Reconhecer a contribuição do continente africano e dos afro-brasileiros para o Brasil;
- Buscar novos saberes sobre a história e cultura afro-brasileiras;

Sabemos que construir uma Prática Promotora de Igualdade Racial, pode ser um processo desafiador, pois muito embora a promulgação da Lei 10639/03 já tenha dezoito anos, a formação docente ainda é deficitária, posto que nem sempre a temática da Educação para as Relações Raciais é compreendida como importante nas formações dos/as professores/as, tanto pelos cursos de pedagogia, como também nas políticas de formação permanente das redes de ensino.

No entanto, é preciso que o educador/a também se conscientize sobre a importância de seu papel, principalmente pelas relações diretas e cotidianas que estabelece com os/as educandos/as, onde seu olhar e sua atitude frente ao racismo podem fazer a diferença. **Há estudos que mostram que para além do sofrimento da criança em situações de racismo, o que mais a atinge é a omissão dos/as adultos/as com quem tem vínculos, os quais deveriam protegê-las.**

O conhecimento teórico-metodológico também é fundamental, pois a partir dele ampliam-se as possibilidades de intervenção, lembrando que atualmente há uma vasta produção acadêmica que problematizam as práticas escolares, possibilitam a reflexão do professor/a e apontam caminhos possíveis.

7.1 E LÁ NA ESCOLA...

Para dar continuidade às reflexões compartilhadas neste texto conheçam a seguir os relatos de experiências desenvolvidas na EPG Paulo Freire por Professoras da Educação Infantil.

Por que trabalhar com a temática étnico-racial nas escolas de Educação Infantil?

Soraia Esteves Cavalcante

Há 22 anos na Rede Municipal de Guarulhos

Você já escutou este questionamento alguma vez? O que sente quando tais perguntas são realizadas?

Escuto indagações desse tipo todos os anos no ambiente escolar. Como reagir diante de tal indagação?

Dar uma risada e fingir que não escutou ou concordar com a pessoa que fez tal questionamento? Procurar justificar a necessidade de tal trabalho, uma vez que, a escola tem a missão de atender a todos os educandos, reafirmando e valorizando

suas diferenças, inclusive as diferenças étnicas e culturais?

Percebo que parte da nossa sociedade não vê o menor sentido em trabalhar as diferenças e crê na ideia de que **todos são iguais** e o desempenho de cada um dependerá exclusivamente de seu esforço pessoal. Mas existem pessoas que fazem pior, ironizam o trabalho com a diversidade étnico-racial contribuindo **para naturalizar o preconceito e o racismo na escola**.

Como podemos dizer que não existe racismo entre as crianças pequenas, quando numa simples brincadeira de roda uma criança recolhe o seu braço rapidamente, ao perceber que o coleguinha ao lado é uma criança negra.

O que fazemos nessa hora? Fingimos não enxergar e deixamos tal agressão de lado, por que é algo natural? Em relação às outras crianças, que presenciaram a cena, aprenderam a reproduzir o racismo? Quanto à criança excluída, será que percebeu a recusa por ser negra? Como se sentiu?

Eu poderia dar inúmeros outros exemplos, destacando a necessidade do trabalho étnico-racial na escola. Mas, os exemplos de nada adiantarão, se a comunidade escolar continuar enxergando atitudes discriminatórias como normais.

Por que pensam assim? Por que não enxergam?

No Brasil, a ideia veiculada no início do século XX, sobre a cordialidade do povo mestiço brasileiro (*Mito da Democracia Racial*) e a tentativa de branquear a sociedade (*Ideologia do Branqueamento*), trouxe danos profundos para a construção da identidade de nosso povo, pois, ao mesmo tempo em que, se destaca para o mundo a nossa pluralidade, no cotidiano ressalta-se a beleza europeia, principalmente em relação a características físicas, como a cor da pele, o cabelo ou lábios.

Enfim, dizemos algo e fazemos outro. Afirmamos que temos que valorizar as diferenças, mas, de quais diferenças falamos? Diante desse questionamento outros se fazem necessários:

As crianças indígenas e negras são valorizadas?

A cultura negra e indígena é apresentada nas escolas? Em que momento? Cotidianamente ou apenas nos meses de abril e novembro?

Respeitamos as diferentes maneiras de cultuar a fé?

Sinto que aos poucos, a comunidade escolar vem percebendo a necessidade

de um trabalho de valorização das crianças, de suas famílias e culturas, este, aliás, é o papel da escola: valorizar as diferenças porque não somos iguais.

Finalizo ressaltando que ***necessitamos trabalhar com a diversidade étnico-racial nas escolas*** para oportunizar as crianças negras, assim como às demais crianças, que o processo de construção de suas de identidades, ocorra de maneira afirmativa.

Compartilhando vivências na Educação Infantil a partir da promoção da igualdade racial

Rita de Cássia Neres Andrejauskas
14 anos na Rede Municipal de Guarulhos

Uma das experiências mais enriquecedoras na Educação Infantil e que chama minha atenção é a observação no modo como as crianças aprendem e se relacionam, onde nascem algumas percepções sobre si mesmas e do outro.

Desde 2017 a 2019 estive com turmas de 4 e 5 anos, no estágio I e II, na **EPG Paulo Freire** e ao olhar a interação dos educandos, comecei a refletir:

Como se relacionam com as diferenças? Quais suas vivências e como são afetados? Que imagem tem de si mesmos?

Podemos escolher mediações a partir da visão de mundo que temos como educadores, assim ao falarmos em promoção da igualdade racial, algumas pessoas se incomodam, talvez por falta de entendimento ou conhecimento, enfim, não é minha pretensão dar conta dessas inquietações, mas é preciso deixar claro que o trabalho com vistas à equidade, à promoção da igualdade racial não se trata de caridade, mas um direito da criança, esse dever pedagógico é exposto na *Lei 10639/03* como valorização das matrizes culturais que fazem do nosso país plural.

No ano de 2017 com o estágio I, desenvolvi um trabalho de aproximação com as famílias, assim, busquei uma maior comunicação e elaborei um caderno de **"Histórias de Descobertas"**, para que os pais pudessem escrever sobre as características de seus filhos, colocar poemas, declarações afetuosas etc. Dessa forma pude conhecer um pouco mais de cada educando e não apenas esperar o dia da reunião dos pais e educadores para conversar.

Descobri riquezas de cada criança, dentre essas, de uma menininha negra de 4 anos que não estava querendo mais seu cabelo, porque o queria liso. Conversei com a mãe sobre

o fato e depois decidi fazer um trabalho com leituras, rodas de conversas, vídeos, até chegar ao livro **“O Mundo no Black Power de Tayó” da autora Kiusam de Oliveira.**

Após as leituras e conversas, fizemos a construção de um painel. Neste ponto do trabalho a opinião da aluna havia mudado, demonstrando estar bem com suas características próprias e uma boa compreensão sobre o tema abordado no livro.



No ano de 2019, em parceria com as professoras Soraia Esteves e Gisele Muniz Antunes, ambas com turmas de estágio I, decidimos começar o ano letivo desenvolvendo as ações de forma mais direcionada e as necessidades apareceram logo no início. Diferente dos anos anteriores, tivemos situações de conflitos na sala de aula e outros espaços, em que algumas crianças não queriam as crianças negras por perto e até partiam para agressões. Além de conversar muito com as famí-

lias, fomos trabalhando na perspectiva inclusiva e da sensibilidade, tanto para acolher as crianças que sofriam as agressões, como para ajudar as crianças autoras a perceberem outras formas de interação.

Nas mediações, incluímos outras linguagens, como teatro de fantoches para falar de sentimentos difíceis (raiva, tristeza, medo, etc.), depois, com as turmas juntas, foram vários momentos de brincadeiras com foco em leituras que trouxessem a valorização da identidade negra, dentre estas, ***O cabelo de Lele - Valéria Belém que os meninos, em especial, gostaram muito, depois lemos O Mundo no Black Power de Tayó – Kiusam de Oliveira e Meu crespo é de rainha - Nina Rizzi e Chris Raschka.***

Em outro momento levei para a sala de aula, dois bonecos negros, as crianças ficaram ansiosas para brincar com seus novos amigos, que receberam nomes escolhidos por elas, um dia da semana levavam os bonecos para casa, onde cuidavam, brincavam e devolviam no dia seguinte para oportunizar a outra criança. Todas as famílias participaram e não tive nenhum problema para aceitação da proposta, pelo contrário, uma mãe encomendou um outro boneco igualzinho de tanto que o seu filho se identificou, uma resposta maravilhosa para nosso trabalho.

Essa ação foi muito gratificante, pois desenvolviam uma relação de carinho, proteção e amizade com os bonecos e isso refletiu na interação com os colegas e começaram aparecer outros bonecos negros das crianças.



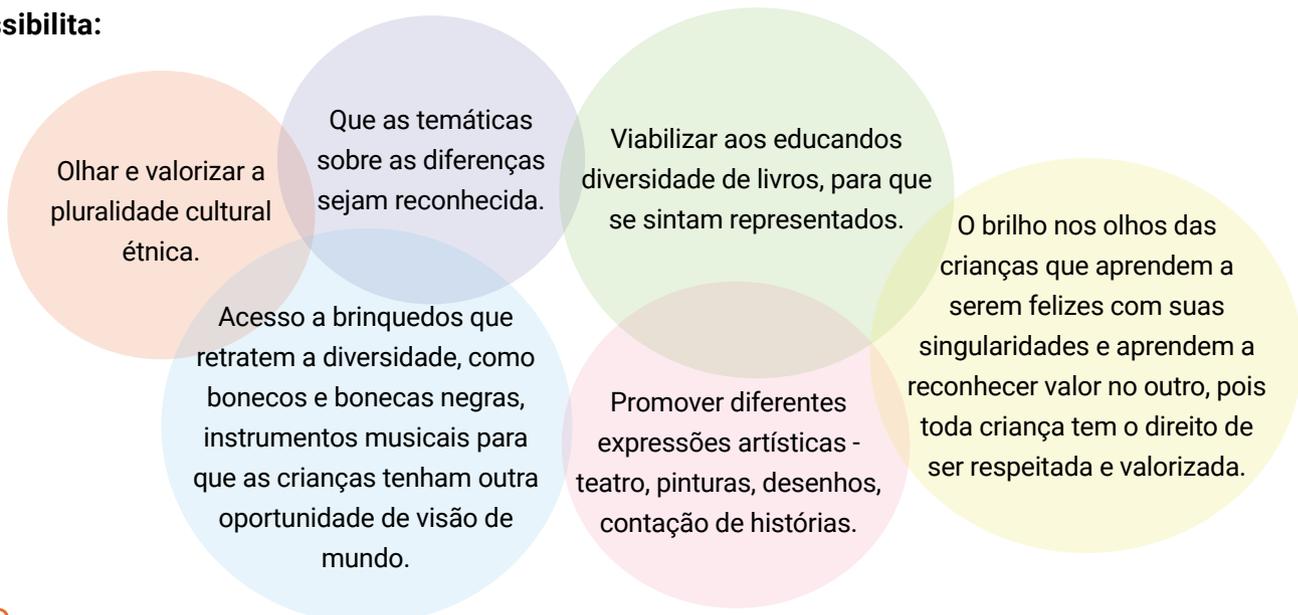
No trabalho com o livro **“Meu crespo é de rainha”**, fizemos a leitura do livro para as três turmas, depois optamos por dividir o trabalho a fim de viabilizá-lo de forma didática, considerando a rotina dinâmica da educação infantil, fizemos um trabalho visual de cada parte do poema (incluindo balinhas

de confeito para livre composição dos educandos), enquanto conversávamos, em cada momento com as crianças sobre o tema.

A exposição do painel (**Meu Crespo é de Rainha**) ocorreu durante o mês de novembro, mas as mediações sobre o tema eram feitas desde o início do ano, porque entendemos que não é possível tratar de um assunto tão importante apenas como data comemorativa.



Para concluir acredito numa educação promotora de igualdade, quando esta possibilita:



Sei quanto o dia a dia na escola é difícil, mas possível. As crianças contam conosco e não adianta esperarmos um amanhã com equidade se não ofertarmos hoje essa possibilidade de ser e estar no mundo.

A mudança da prática exige uma nova mentalidade para fazer as escolhas mais conscientes, sendo que, para tal, precisamos de conhecimento, de parceiros, de uma mente e coração abertos para questionar e refletir sobre a educação que sonhamos.



7.2 Com a palavra... Prof.a Dr.a Edna Martins Universidade Federal de São Paulo/UNIFESP

Quem passou pelos bancos da escola pública nos anos 70, 80 e 90 vai se lembrar de que nossas aulas de história nos apresentava um Brasil em que negros apareciam em imagens de cartilhas e de livros didáticos, em cenas bizarras de açoites e trabalhos forçados que se cristalizaram em nossas memórias como algo natural e desprovido de qualquer crítica. Demorou muito tempo para que a história da população negra escravizada pudesse começar a ser contada nas escolas de um outro modo e, isso se deu graças às lutas do Movimento Negro que, aos poucos, tem caminhado em busca de reparação frente ao reconhecimento da barbárie sofrida durante centenas de anos de escravização. Dentre as políticas de ações afirmativas conquistadas, destaca-se a implementação da lei 10.639/2003 com a obrigatoriedade do ensino da cultura afro-brasileira e africana para nossas crianças e jovens.

Embora a política tenha dado maior visibilidade à problemática étnico-racial em nossa sociedade, sabemos que uma lei não consegue mudar anos de uma mentalidade arraigada num mito nacional que rechaça a existência do racismo no Brasil, afirmando que brancos e negros vivem numa democracia racial, nunca antes vista

em nenhum outro país (SALES JR, 2006). Assim, o que temos visto, são pequenas mudanças nos currículos e conteúdos ensinados para nossas crianças, porém ainda persistem projetos pedagógicos com características que abrigam, em grande monta, aspectos “embranquecidos”, que denunciam os modos excludentes que afastam cada vez mais a escola de uma educação equânime.

Frente a essa realidade, nos últimos anos temos visto crescer um grande número de estudos que tratam da importância da temática das relações étnico-raciais para o mundo da educação infantil (CAVALLEIRO, 2004; DIAS, 2012; ROSEMBERG, 2014). Tais pesquisas assinalam a importância da formação de professores para a prática pedagógica com crianças pequenas a fim de que possam tomar consciência de seu pertencimento racial e lidar com as diferenças de forma respeitosa e antirracista. Discutem a necessidade de uma prática educativa contínua que considere o currículo e o projeto pedagógico da escola de educação infantil como um lugar de destaque no fortalecimento de ações que visem desconstruir as formas de violência e do racismo estrutural vividos pela população negra em nosso país. Nessa perspectiva, para Dias (2012) “(...) trazer para a educação infantil os temas relativos à diversidade implica tomar uma atitude ousada e ética em relação à raça/cor e etnia”. Significa, portanto “romper com uma tradição eurocêntrica de currículo” exigindo do professor “um compromisso ético e político” (p. 665).

Nesse sentido, entendemos que ao contar uma história para as crianças, apresentar autores negros e negras, discutir cenas de desigualdades e injustiças vividas nas interações cotidianas de alunos vítimas de discriminação ou preconceito racial, as professoras Soraya, Rita e Gisele (que compartilharam suas experiências acima) conseguem dar um salto qualitativo em suas práticas educativas, rompendo pouco a pouco, com a reprodução do racismo institucional e estrutural que assola nossa sociedade. Trabalhar de forma positiva e não impositiva aspectos da identidade e da pertença racial de meninas e meninos negro(as), de maneira lúdica, mostrando que as diferenças abarcam a beleza e a singularidade humana, deveria ser o ponto de partida de todo o trabalho pedagógico na educação infantil. Isso é o que nos mostram as experiências relatadas aqui, que por sua vez, nos fazem acreditar que tal trabalho tem tido êxito nas mãos de professoras negras, brancas ou não brancas de nossas escolas públicas de educação infantil.

A tarefa de educar para um mundo antirracismo não é só missão de pessoas pretas ou pardas. É também um trabalho de brancos e brancas, de homens e mulheres, que deve começar desde a mais tenra idade. Nesse caminho espera-se que todos

assumam uma postura de reconhecimento do racismo que estrutura as relações sociais no Brasil, com a consciência de que a população negra foi vítima de um passado histórico escravocrata e excludente que cristalizou condutas e posturas racistas, que só serão dirimidas e sanadas a partir de processo educativo permanente e efetivo.

Oxalá, possam existir muitas Ritas, Soraias e Giseles que como educadoras possam trabalhar no cumprimento da função primordial e transformadora da escola. Que suas ações possam ser repetidas, revisitadas e instauradas como uma prática perene nas escolas de educação infantil de todo o território nacional, para que além de democrática, nossa escola possa ser de fato, antirracista.

Referências

CAVALLEIRO, Eliane. Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil. Editora Contexto, 2004.

DIAS, Lucimar Rosa. Formação de professores, educação infantil e diversidade étnico-racial: saberes e fazeres nesse processo. Revista Brasileira de Educação, v. 17, n. 51, p. 661-674, 2012.

ROSEMBERG, Fúlvia. Educação infantil e relações raciais: a tensão entre igualdade e diversidade. Cadernos de Pesquisa, v. 44, n. 153, p. 742-759, 2014.

SALES JR, Ronaldo. Democracia racial: o não-dito racista. Tempo social, v. 18, n. 2, p. 229-258, 2006.

8. ESPAÇO LITERATURA

Na Educação Infantil, é importante promover experiências nas quais as crianças possam falar e ouvir, potencializando sua participação na cultura oral, pois é na escuta de histórias, na participação em conversas, nas descrições, nas narrativas elaboradas individualmente ou em grupo e nas implicações com as múltiplas linguagens que a criança se constitui ativamente como sujeito singular e pertencente a um grupo social (...). (BNCC, p. 40)

A literatura é um meio eficiente para a formação de uma autoimagem positiva. Livros infantis com protagonistas negros e/ou que abordem as histórias e culturas africanas ajudam a promover a representatividade na infância e diversificam o repertório das crianças. Uma forma lúdica de reforçar a autoestima da criança a partir da valorização de seus antepassados, de sua cultura e de sua cor.

Atualmente há uma vasta produção de livros nessa perspectiva, entretanto ainda são pouco utilizados. Diante do que a literatura promove é fundamental ampliar as possibilidades literárias na escola, buscando autores e autoras de obras que abordem o tema com a seriedade e sensibilidade necessárias, e é claro com um cuidado especial quanto as ilustrações e indicações etárias.

Mas nada melhor do que uma escritora de Literatura Infantil para nos falar sobre a importância desse processo, assim compartilhamos a entrevista concedida especialmente para este Fascículo da renomada escritora **Kiusam de Oliveira**, autora de belíssimos livros, como: **O Mar que Banha a Ilha de Goré**, **Omo-oba: Histórias de Princesas**, **O Mundo no Black Power de Tayó** e o mais recente **O Mundo no Black Power de Akin**.

8.1 Com a palavra...Kiusam de Oliveira



Autora de livros infantis que abordam o Racismo e Direitos Humanos, Kiusam de Oliveira se inspirou em sua própria experiência com o preconceito para escrever histórias. cursou o Magistério e graduou-se em Pedagogia com habilitações em Administração Escolar e Orientação Educacional. Possui especialização em Deficiência Intelectual, Mestrado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano e Doutorado em Educação, ambos pela USP.

1) Kiusam... É um nome bem diferente, conte um pouco de você, da origem deste nome...

Meu avô era do candomblé, quando minha mãe tinha 12 anos, recebeu dele a missão de colocar esse nome na primogênita que ela ainda teria. Kiusam está associado ao ancestral de origem da minha família, Oxóssi, que significa Rainha da Noite.

2) O que te levou ao mundo da literatura?

Minha mãe me levou ao mundo da Literatura. Ela dizia que já era natural eu narrar histórias inventadas por mim. Aos quatro anos, eu escrevia formalmente as minhas histórias. Aos 8, meus pais decidiram se associar ao Círculo do Livro e assim comecei a escolher os livros que seriam comprados por eles. Minha mãe foi uma mulher visionária.

3) Como você vê o papel da literatura na formação da criança?

Penso que como em tudo na vida há sempre pelo menos dois lados; é o caso da literatura. Há a boa literatura e a não tão boa assim; há a literatura que liberta, há a que mantém as coisas como estão e a que aprisiona. A literatura infantil, há gerações vem servindo às intenções maquiavélicas da branquitude, perdeu-se no tempo e no espaço em fazer a grande revolução libertadora no seio da sociedade brasileira, no sentido de contribuir para avanços relevantes a qualquer nação. Como pode perceber, vejo na literatura papel fundamental para a reconstrução de uma nação, por isso a luta incansável por um país que valoriza políticas públicas de incentivo ao livro e à leitura.

4) Por que é tão importante trabalhar a identidade, em especial da criança negra, na literatura infantil?

A Literatura Infantil é uma ferramenta capaz de potencializar a imaginação, independente da idade que a pessoa possa ter. Isso porque através de vias que ativam o sensível ela é capaz de levar uma pessoa a mergulhar profundamente em seus sonhos, experiências, o pensado e o sequer sonhado. Que outra ferramenta é capaz de despertar algo tão profundo? Por isso é que governos retrógrados tentam primeiramente enfraquecer as políticas de incentivo à escolarização e conseqüentemente, da leitura.

5) De onde vêm as inspirações para as suas histórias?

Minha inspiração vem através do orum (céu), do cosmo, dos sonhos e das experiências vividas e profundamente sentidas.

6) De que maneira a literatura ajuda a contribuir no enfrentamento do racismo?

A Literatura só é capaz de ajudar alguém a enfrentar o racismo se ela for escrita, revisada e editada por antirracistas e sinceramente: a literatura canônica brasileira tem sido muito boa em reproduzir a dominação branca, e, manter negras e negros a partir da construção de seus personagens, no mesmo lugar social imposto pela branquitude na sociedade. Os brancos escritores (as), por séculos são colocados em pedestais por conta da produção de textos literários, recorrentemente premiados por suas escritas ou ilustrações que reforçaram (e continuam a reforçar) os estereótipos, preconceitos e a discriminação nos livros literários afinal, não passa pela cabeça de um racista combater o racismo! Simples assim.

7) Sendo uma referência na literatura, qual é a sua avaliação sobre a participação dos negros na literatura brasileira?

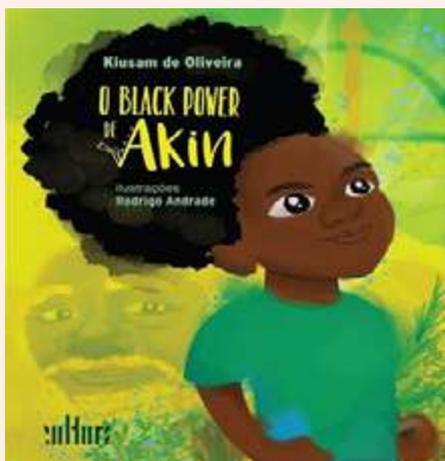
Gratidão pela observação. Os negros no Brasil têm primazia e protagonismo no campo literário que, por conta da colonialidade em plena contemporaneidade cínica e de forma violenta, invisibiliza os grandes em troca da manutenção da história oficial. Nesse sentido, as mídias e editoras por exemplo, embranqueceram por décadas Machado de Assis, insistem em rebaixar a genial escritora Carolina Maria de Jesus, ocultam Maria Firmina dos Reis, a primeira romancista negra da América Latina, e, com certeza, a primeira autora abolicionista da língua portuguesa. Como podem ver, somos brilhantes e não é de hoje: o que ocorre é o de sempre; a tragédia de vivermos num país onde as pessoas costumam ser hipócritas e racistas e de forma vil tentam, sem escrúpulos, nos tirar do jogo.

8) A obra de Monteiro Lobato sempre foi uma referência para a literatura infantil, como você vê esta questão atualmente?

Penso ser uma vergonha o silêncio de editoras, editores, críticos literários, escritores (as) sobretudo o que documentos comprovam ter sido Monteiro Lobato e me refiro a ele ser simpatizante da eugenia. Todos optam sempre por ganhar dinheiro: dois pesos, duas medidas. Fico pensando em como uma

mesma pessoa pode atuar no campo acadêmico e/ou literário como antirracista e, ao mesmo tempo, celebrar Monteiro Lobato afirmando ter sido ele “um homem em seu tempo”, não lhe parece uma atitude incongruente?

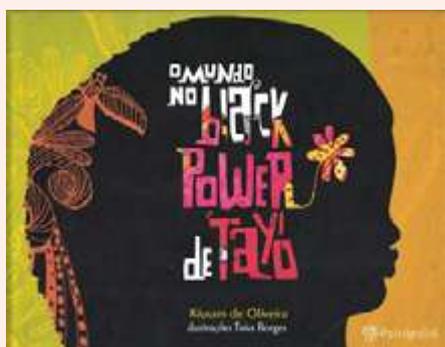
9) Você está lançando um novo livro: *O Mundo no Black Power de Akin* - (Editora De Cultura), o que pode nos contar sobre ele para aguçar nosso desejo em lê-lo?



Afirmo, desde a escrita desta história, que Akin é Cura, justamente porque toca numa ferida aberta e encoberta pelos meninos negros nascidos e crescidos em países racistas: o cabelo crespo. Meninos passaram décadas, alisando os cabelos, guardando os mesmos em bonés e se violando mantendo os cabelos raspados e longe dos comentários e ataques violentos. Akin se cura por conta dos conhecimentos de seu avô, Seu Dito

Pereira, que através dos saberes ancestrais resgata a autoestima de seu neto que passa a valorizar as heranças africana e afro-brasileira. A cidade fictícia de Noar, onde a história acontece, representa o Brasil e sua parte oculta, seus segredos e mistérios, como por exemplo, um país extremamente racista sem que as pessoas se assumam como racistas. E assim como na história, penso ser o reverenciar de África, como o Berço da Humanidade, seja a cura para os males do mundo e em todos os sentidos.

10) O que a Tayó gostaria de dizer para os/as professores/as?



Tayó é poderosa porque em sua negritude e autoestima, “tayloriza” o que toca, as vidas que entram em contato com ela, o imaginário infantil, as infâncias negras e não negras. E é justamente por isso que Tayó é gigante, pois, como um espelho ela mira todas as crianças e faz refletir, “taylorizadamente” as potências e graças

interiorizadas em cada uma delas. E Tayó só poderia ter nascido de alguém que tenha vivido cada passo da trajetória de uma heroína, reafirmando todos os dias, de que as vidas negras também importam.

DANDO UM TOQUE...

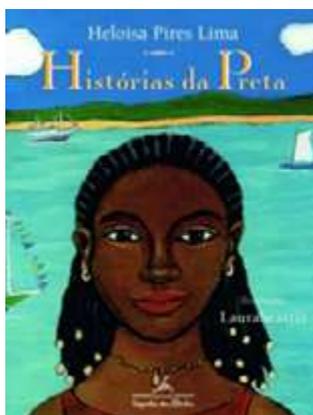
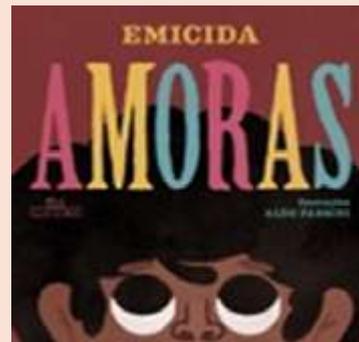
Conheça também outras importantes obras para o trabalho sobre a história e cultura africana e afro-brasileira

Por uma educação antirracista!

Amoras, de Emicida, Ilustrações: Aldo Abrini

Editora: Cia. das Letrinhas

Inspirado na música “Amoras”, que Emicida compôs para filha, o livro conta a história de uma menina que reconhece sua identidade a partir de uma conversa com o pai. A obra aborda a representatividade e a resistência negra, a diversidade e autoestima.



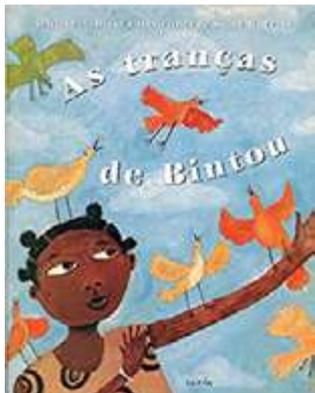
Histórias da Preta, de Heloisa Pires Lima, ilustrações de Laura Beatriz - Ed. Companhia das Letrinhas

O livro traz alguns questionamentos: desde o que seria África, sua história e até os dias de hoje, a trajetória dos africanos no Brasil, o preconceito racial e as estratégias de superação.



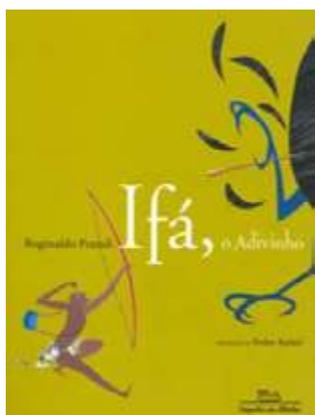
Meninas Negras, de Madu Costa, ilustrações de Rubem Filho - Ed. Mazza

Madu Costa fala da vida e dos sonhos de 3 meninas negras, Mariana, Dandara e Luanda que aprendem e respeitam sua ancestralidade africana.



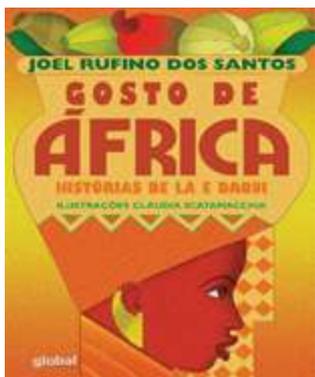
As tranças de Bintou, de Sylviane A. Diouf, ilustrações de Shane W. Evans - Ed. Cosac Naify

Bintou, uma menina negra que não se contenta com seus biotes no cabelo e sonha usar tranças como sua irmã mais velha. A história conta, a partir de um contexto cultural específico, o momento da passagem da infância para a adolescência.

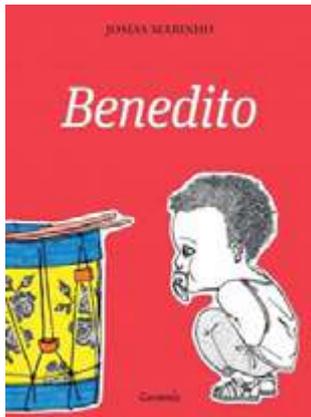


Ifá, o adivinho, de Reginaldo Prandi, ilustrações de Pedro Rafael - Ed. Companhia das Letrinhas

O autor narra as histórias de Ifá, o adivinho que em tempos antigos, na África negra, jogava búzios e desvendava o destino das pessoas, ajudando-as a resolver todo tipo de problema.

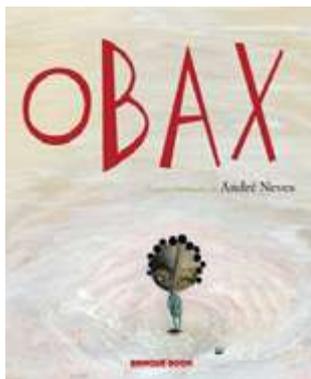


Gosto de África, de Joel Rufino dos Santos, apresenta por meio de lendas, mitos e tradições sete histórias da cultura negra – “As Pérolas de Cadija”, “O Filho de Luísa”, “A Sagrada Família”, “O Leão de Mali”, “Bonsucesso dos Pretos”, “Bumba meu Boi” e “A Casa da Flor”. Através destas histórias pode-se descobrir outros tempos, outros lugares e outros valores. E, assim, ter outro olhar para o presente e para o futuro.



Benedito, do escritor e ilustrador Josias Marinho - Ed. Caramelo

Benedito, uma criança que se descobre na batida do tambor do Congado, uma manifestação de fé, canto e dança celebrada por familiares e amigos. O tambor além de brinquedo, é um instrumento que guarda e revive as memórias ancestrais do negro brasileiro.



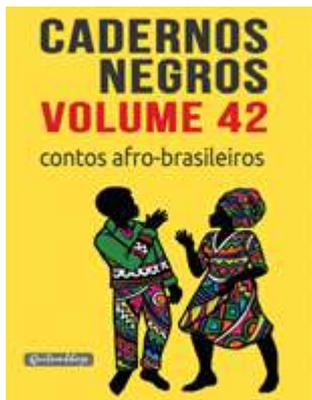
Obax, do autor e ilustrador André Neves - Ed. Brinquê-Books

A obra remete à cultura de grupos étnicos do oeste africano, povos que, apesar das dificuldades oferecidas pela paisagem árida, exaltam alegria através das cores.



Caderno de Rimas do João. De Lázaro Ramos, ilustrações Maurício Negro - Ed. Pallas

O menino João encanta os leitores com rimas espontâneas e temáticas diversas, e assim ele nos apresenta, de um jeito divertido, os assuntos de um modo mais colorido.



Série Cadernos Negros, Quilombhoje

A série Cadernos Negros, criada em 1978, difunde a produção literária afro-brasileira publicando contos e poemas, divulgando a escrita daqueles que resolvem colocar no papel suas experiências e visão de mundo, além de apresentar a cultura, o pensamento e o modo de vida dos afro-brasileiros.



A autora, **Carolina Maria de Jesus**, mulher negra, mãe de João, José Carlos e Vera Eunice, favelada, catadora de lixo e escritora, escreveu seu diário em cadernos que encontrava nos lixos de São Paulo. A autora escreve em forma de diário as tarefas e os acontecimentos de seus dias, não poupando expressões para detalhar suas dores e os absurdos da vida que levava em condições de extrema marginalização.

“Esquentei o arroz e os peixes e dei para os filhos. Depois fui catar lenha. Parece que vim ao mundo predestinada a catar. Só não cato felicidade” (p. 72).

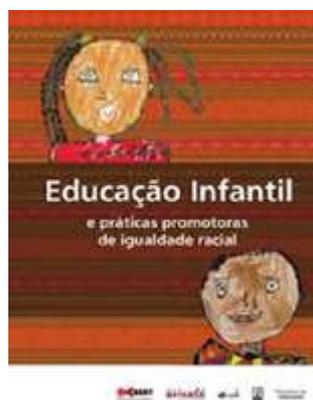
9. PARA SUA PRÁTICA: VALE A PENA CONFERIR!



Indicadores de Qualidade na Educação - Relações Raciais na Escola

Desenvolvido em 2013 a partir de uma ação conjunta entre Autor - UNICEF, Ação Educativa, e MEC/Inep

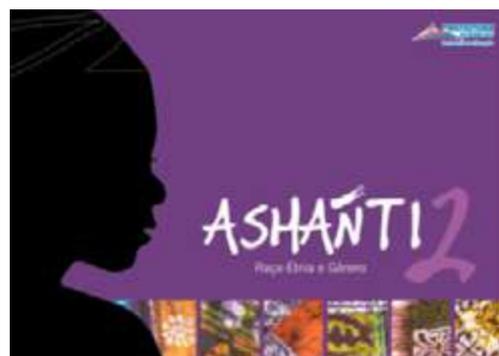
Trata-se de um instrumento que permite à comunidade escolar avaliar suas práticas, ao tempo em que descobre novos caminhos para construção de uma educação com a marca da igualdade racial.

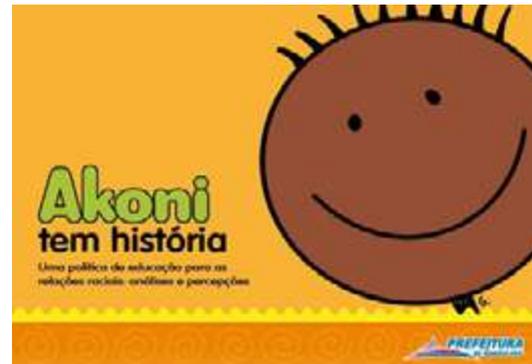


Educação Infantil e práticas promotoras de igualdade racial

O Instituto Avisa Lá, em parceria com o Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades (CEERT), a Universidade Federal de São Carlos e o Ministério da Educação, elaborou material para apoiar os profissionais de Educação Infantil e as Secretarias de Educação a fim de que desenvolvam propostas pedagógicas comprometidas com práticas que favorecem a igualdade racial, de acordo com o que indicam as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil.

Publicações da Secretaria Municipal de Guarulhos





Uma organização política brasileira de mulheres negras contra o racismo e sexismo, tendo como principal objetivo erradicar a discriminação presente na sociedade que afeta

indivíduos com essas características. No Portal Geledés você encontra artigos e notícias sobre os temas, assim como, vídeos, relato de experiências, indicações de leitura, pesquisa, entre outros. <https://www.geledes.org.br/>



Criado em 1990, o Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades - CEERT é uma organização não-governamental que produz conhecimento, desenvolve

e executa projetos voltados para a promoção da igualdade de raça e de gênero. <https://ceert.org.br/>



Curtas, Filmes e Documentários

Hair Love, 2019 · Animação/Curta-metragem · 7 min: Traz de forma afetiva uma mensagem essencial sobre a necessidade de romper estereótipos e promover a representatividade negra.

Oreo “Faz de Contos” – Rapunzel: Um projeto da marca de biscoitos Oreo, da Mondelēz International, com criação é da Sapiient AG2. A ideia é que as histórias reinventadas possam trazer representatividade e diversidade para os contos de forma “brincante” Neste episódio Lázaro Ramos narra uma nova versão deste conto clássico.

<https://www.youtube.com/watch?v=L3cqYhPXI2M>

O Perigo de Uma Única História: Nossas vidas, nossas culturas são compostas de muitas histórias sobrepostas. A escritora Chimamanda Adichie conta a história de como ela encontrou sua autêntica voz cultural - e adverte-nos que se ouvimos somente uma única história sobre uma outra pessoa ou país, corremos o risco de reproduzir preconceitos.

https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_the_danger_of_a_single_story?language=pt-br

Besouro, o filme – 2009: Besouro Mangangá, ou Besouro Cordão de Ouro, era o apelido de capoeira do baiano de Santo Amaro da Purificação chamado Manoel Henrique Pereira, que viveu entre 1897 e 1924. Filho de João Grosso e Maria Haifa, nunca teve uma profissão certa, mas era muito popular na cidade por suas extraordinárias habilidades na capoeira, que teria aprendido de um tio. O apelido, Besouro, teria vindo da comparação de suas habilidades com a capacidade improvável do besouro de voar apesar de seu pesado exoesqueleto.

Conhecendo algumas práticas...

Somos todos Bintou: Projeto desenvolvido pelas professoras Viviane Salvaia e Sirlene Coelho, da EPG Faustino Ramalho, no Prêmio AKONI de 2016, para a categoria vídeo – práticas voltadas para alunos/as de 0-3anos. Acesse pelo QR Code.

<https://www.youtube.com/watch?v=Qxmo-ZLOWPY>



Projeto Educação Infantil e Igualdade Racial - Organização dos espaços físicos e dos materiais: Material produzido pelo CEERT/Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades e Instituto Avisa lá.

Pensando no espaço físico como algo que educa, que as paredes também falam, o que essas paredes podem representar para a criança pequena em termos da diversidade racial? como ela pode olhar para o que está exposto e se identificar, se ver refletida naquele espaço? O vídeo parte dessas questões para propor o espaço como elemento curricular, e a partir da criação de ambientes (conjunto espaço/relações/afetos que nele se estabelecem) estimulantes da aprendizagem de valores como igualdade e respeito a criança possa se sentir acolhida e respeitada. Acesse pelo QR Code.

Segue o link abaixo para a utilização do vídeo:

https://www.youtube.com/watch?v=WfvxOty5Tkg&feature=emb_logo



“Eu posso ser poeta!”: “Com um repertório que vai de Solano Trindade e Castro Alves às letras de rap dos Racionais MCs, a professora Lidiane da Silva Lima criou um projeto sobre poesia e cultura afro-brasileira na escola, que mudou o olhar de jovens do 6º ao 9º anos da Escola Municipal EF Anna Silveira Pedreira, na periferia da cidade de São Paulo.” Acesse pelo QR Code.

<https://www.futura.org.br/cultura-afro-brasileira-nas-escolas/>



6ª Edição do Prêmio de Equidade Racial na Educação Básica
Macro Projeto: Interafro (Acesse pelo QR Code)

<https://ceert.org.br/premio-educar/pratica/18>



4ª Edição do Prêmio de Equidade Racial na Educação Básica
Um Pouco de Nós, Um Pouco da África (Acesse pelo QR Code)

<https://ceert.org.br/premio-educar/pratica/91>



4ª Edição do Prêmio de Equidade Racial na Educação Básica
Os Príncipes do Destino (Acesse pelo QR Code)

<https://ceert.org.br/premio-educar/pratica/81>



Referência Bibliográfica

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Munanga, Kabengele (org.). **Superando o Racismo na escola**. 2ª ed. Brasília, DF, 2005.

Carreira, Denise; Souza, Ana Lúcia Silva. Indicadores da qualidade na educação: relações raciais na escola. - - São Paulo. **Ação Educativa**, 2013.

Resende, Otto Lara. **Vista cansada**. Disponível em <https://cronicabrasileira.org.br/cronicas/7040/vista-cansada> acesso em 19-10-2020

Sousa A. A. de Sousa; Lucena C. S. F.; Souza L. R. de, Basto R. da S. A identidade da criança negra no espaço da escola, **Revista Ashanti**. SME Guarulhos, 2010

PRECISAMOS FALAR SOBRE...
Reflexões Necessárias no Cotidiano Escolar:
Por Uma Educação Antirracista

Diversidade e Inclusão



EPG Tom Jobim
Foto: Camila Rhodes/PMG

Acesse todos os volumes da
Coleção Formação 2020 em
<http://portaleducacao.guarulhos.sp.gov.br>,
na página de Publicações e Documentos
ou pelo QRCode:

